

“O mundo está aí para ser conquistado”

A difícil jornada feminina na ciência e na vida profissional em geral abordada por uma pesquisadora que é referência na área de ciência de alimentos

Por: Oriana Suprizzi



Foto: Oriana Suprizzi

Formada em biologia pela UNICAMP, a professora, pesquisadora e doutora Gláucia Maria Pastore teve como primeira motivação para ingressar na área da pesquisa a sua enorme identificação pela matéria de bioquímica durante a graduação. Depois de formada, teve a oportunidade de trabalhar no ITAL, Instituto de

Tecnologia de Alimentos, onde conseguiu aplicar a bioquímica mais efetivamente e firmou seu interesse pelo assunto. Logo depois, realizou sua pós-graduação em ciência de alimentos também pela UNICAMP, quando definitivamente se apaixonou pela área, fazendo também seu doutorado no mesmo ramo. Além disso, ela também cita como um marco decisivo em sua vida a bolsa de estudos no Japão, recebida em 1985, em que pode vivenciar a forma de trabalho com alta objetividade em pesquisa característica do país. Durante a entrevista a pesquisadora discorreu sobre assuntos referentes a presença feminina na área da ciência e as dificuldades que ainda se fazem presentes na vida das mulheres ao conciliarem a vida profissional e pessoal.

De acordo com um estudo divulgado pelo g1 em março deste ano, os homens continuam sendo maioria nos campos de pesquisas, principalmente na área de ciências exatas. Na sua opinião por que isso acontece?

Eu acho que tudo parte de uma cultura nossa que é realmente ainda muito mais machista do que deveria ser, as mulheres estão conquistando a duras penas seu espaço, porque ainda sobra para mulher uma carga muito grande de trabalho que não é só o seu trabalho profissional. O que acontece é o seguinte: culturalmente o homem se desresponsabiliza das outras atividades que não o seu papel de provedor e trabalhador do lar, então com essa história fica muito sacrificado para as mulheres, realmente. Agora, culturalmente, isso vai mudar porque o mundo está mudando também, então eu espero que o Brasil se espelhe nisso, que o homem seja mais cooperativo, com uma divisão de tarefas mais igualitária, se não fica muito complicado. Mas eu observo do lado pessoal que o homem é muito educado para ser atendido, acho que isso é uma grande dificuldade, ele mimetiza o que faz em casa, o que a mãe dele ensinou, como ela o acostumou. Essa coisa do servir está incomodando muito, porque não há tempo para fazer tudo, se você é uma profissional dedicada um pouco disso não vai poder acontecer. As mães têm que educar os filhos, tem que estar no sangue, se a mulher continuar tratando seus filhos como ela viu sua mãe tratar isso não se resolve.

“Se a mulher é uma profissional de sucesso ela vive como em um equilíbrio de prato chinês, não tenha dúvida.”

Em algum momento isso já dificultou o seu trabalho?

Não, não diretamente. Eu acho que na área que eu atuo, que é a área de alimentos, isso não é tão nítido, porque aqui as mulheres são maioria. O curso de engenharia de alimentos hoje é preenchido por 75% de mulheres e a pós-graduação é quase 90%, elas são a maioria, então na minha área não afeta tanto.

Você acredita que a falta de incentivo recebido pelas mulheres desde a infância para seguir na carreira científica de pesquisa é um fator

relevante para essa desproporção nos níveis de homens e mulheres pesquisadores?

Eu acho que isso está mudando também, porque a mulher tem um grau de escolaridade hoje mais elevado que o homem e ela briga mais para conseguir entrar no curso que quer, se sair melhor, ter melhores notas, então isso é algo característico, você pode olhar no Brasil inteiro, é assim que acontece. Então, acho que isso não é tanto problema em termos de conquista de espaço, o que acontece é que em algumas carreiras de fato ainda existe preconceito, está mudando, mas ainda existe sim. Eu escuto pessoas falarem “Ah, eu não quero ir em uma médica, quero ir em um médico”, então ainda tem essas coisas, uma mentalidade muito retrograda, mas tudo é um processo educacional.



Foto: Oriana Suprizzi

“Hoje em dia há muitas oportunidades, o mundo tá aí pra ser conquistado”

As mulheres também sofrem com uma falta de credibilidade, da própria sociedade brasileira, no seu potencial para as ciências exatas.

Você acredita que essa barreira ainda impede ou dificulta muitas mulheres a seguirem na área?

Eu acho que seguir na área não, mas o que eu acho que atrapalha um pouco são os cargos de chefia, nessa hora as vezes a mulher é preterida, então, por exemplo, se existe uma grande construtora e você é engenheira daquela empresa, tendo sob seu comando vários operários ou vários profissionais, então para esse cargo eles optam primeiro por homens, porque talvez o homem tenha mais pulso segundo aqueles conceitos antigos, isso realmente pode existir. Para os cargos de chefia eu acho que a disputa é ruim.

Nas inúmeras orientações de teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de Iniciação Científica que você orientou, qual dos gêneros predominou? Por que? Foi possível observar um aumento da presença feminina?

Eu acho que uma maioria de mulheres mesmo, deve ter sido ao redor talvez de mais da metade de mulheres, menos homens. Devido ao interesse pela área de alimentos, exatamente. E geralmente também as mulheres se dedicam de fato mais, na nossa área elas são muito vocacionadas, então tem sido muito bom.

Na sua opinião, há alguma medida que deveria ser tomada pelo governo visando a diminuição dessa desigualdade?

Eu acho que na área da graduação e da pós-graduação não vejo tanto problema, mas eu acho que no emprego as empresas deviam ser obrigadas a pagar salários iguais para mesma função, seja homem seja mulher. Eu acho que isso não é fácil e talvez não possa ser lei porque tem vários subterfúgios, se consegue diferenciar, nem que não seja real você consegue diferenciar as funções para dar um salário melhor, eu acho isso absolutamente estúpido, injusto, isso não pode acontecer, a gente tem que lutar pela igualdade de condições salariais. E essa

história de: “Ah, porque tem maternidade, porque tem não sei o que”
isso tudo são condições resolvíveis, não devem ser uma barreira.

Ao longo da sua carreira e extensa experiência, você passou por situações em que foi menosprezada pelo fato de ser uma mulher, sem que levassem em consideração sua capacidade?

Não, que eu me lembre, não. Eu acho que comigo nunca aconteceu. Também porque eu sempre fiquei no ambiente universitário e aqui nesse ambiente isso não acontece, pelo menos não às claras assim. No meu desenvolvimento em pesquisa não. O ambiente universitário se preza muito pela competência intelectual, independente do gênero, eu acho que isso é uma coisa bem interessante.

”A vida da mulher é uma arte. Eu acho ela um ídolo, principalmente quem é mãe e profissional, eu acho formidável, porque é muito difícil. ”